

“A nostalgia do mundo que nunca conheci”: as invenções sobre as sociedades indígenas na América .

Leandro Karnal (IFCH- UNICAMP)

Introdução

A cena é bem elaborada e muito bonita. A lente de Walter Salles sobre os picos nevoados dos Andes e nos provoca uma vertigem virtual. Dois homens minúsculos diante da grandeza da montanha sobem uma escada íngreme de pedras vivas. Estamos em 05 de abril de 1952, mês de luz opalescente nos Andes. Che Guevara e Alberto Granado viajaram mais de 7 mil quilômetros e estão diante de Machu Picchu, impacto estético que deslumbra turistas, hippies e revolucionários. A cidade desafia a gravidade e, extasiados e sem oxigênio suficiente (particularmente grave para o asmático Guevara) os dois ficam em silêncio, sem encontrar palavras para a experiência desta peça isolada e genial do quebra-cabeças inca.

O filme “Diários de Motocicleta” (Walter Salles, 2004) mostra os atores Gael García Bernal e Rodrigo de La Serna revivendo a célebre viagem de Che com seu amigo Alberto Granado. Da viagem, segundo tradição hagiográfica consagrada, nasceu o sonho político de Che que mudou parte do continente. Mas retornemos à dupla. Sentado no beiral de um precipício, Che redige e a voz de Che, em *off*, lê para nós: “Os incas conheceram astronomia, cirurgia cerebral, matemática entre outras coisas, mas os invasores espanhóis tinham pólvora. A América seria diferente hoje se as coisas tivessem sido de outra forma? “Neste momento, seu amigo o interrompe e com seus sonhos quixotescos apresenta seu plano: casar-se com uma indígena, fundar um partido indigenista e recriar a revolução de Tupac Amaru, a revolução indígena americana. Che argumenta que uma revolução sem armas não funciona. Andando agora pelas pedras cortadas de maneira milimétrica, o médico argentino completa: “Como é possível sentir nostalgia por um mundo que nunca conheci? Como se explica que uma civilização que construiu isto tenha sido destruída para construir isto?” A fala só adquire lógica quando, num corte abrupto de câmera, surge a favela de Lima e ficamos sabendo o outros “isto” da fala de Che. De Machu Picchu à favela somos arrastados pela

ideia de decadência. Os Andes, úmidos e verdes na cena anterior, são contrastados pela quase desértica Lima. Tudo decai, inclusive a natureza. E, ressalte-se na mesma fala da decadência elabora-se uma afirmação de revolução, talvez para restaurar a ordem primordial e edênica que Pizarro estilhou.

A aproximação do nosso Che fictício é problemática. Primeiro ignora que os incas não apresentavam igualdade social. O Inca supremo deve ter esfolado pouco as mãos para carregar as pedras de Machu Picchu, pelo menos esfolado menos do que os “yanacunas”. Inegável o genocídio e a exploração intensa do trabalho forçado ou semi-livre dos indígenas após a conquista. Inegável que a sociedade inca tinha mais relações de reciprocidade entre Estado arrecadador e habitantes do que o Império espanhol. Mas a conquista não ocorreu numa comuna igualitária dedicada ao conhecimento superior como a fala de Che. Mais interessante: os dados ressaltados pelo comandante são valores muito ligados ao nosso universo europeizado. Consideramos superiores as culturas que elaboram saberes que valorizamos, como astronomia e medicina. Admiramos a nós neles. O que poderia ser original, fora do padrão europeu que seriam os “quipus”, a única escrita tridimensional do planeta, não é citado. Claro, estamos diante de um filme e não de uma análise da sociedade inca.

As unificações conceituais são a marca da instrumentalização do passado. Os argentinos olham para os Andes e pensam em indígenas, em revolução e junto, na mesma frase, Tupac Amaru e a ideia de voto em partido. Indígena e revolução perpassam a história porque são guiados por um conceito que se pretende a-histórico, a memória.

Quando nos damos ao trabalho de matizar a conceituação, aprofundamos divergências e dialéticas muito intensas. Quem percorreu o longo caminho do volume de Nathan Wachtel sobre os índios urus da Bolívia, percebemos que, se houvesse a hipotética revolução indígena pregada por Rodrigo de La Serna, seria dos urus para matar... incas.¹ Mas uma guerra civil em Machu Picchu mancha a imagem edênica do passado.

¹ WACHTEL, Nathan. *Le retour des ancêtres: Les Indiens Urus de Bolivie, XXe-XVIe siècle : essai d'histoire régressive*. Paris: Gallimard, 1990.

Memória e América

O passado é uma seara generosa que permite colher frutos aleatoriamente ou, até, transplantar espécies exóticas de outros tempos. Eis o truísmo dos profissionais de História que choca o senso comum: memória é invenção e serve a algo. Casos clássicos foram desenvolvidos por diversos historiadores, como Georges Duby (1919-1996) no “Domingo de Bouvines”.² Ao longo das páginas desta obra, ficamos estarecidos como um fato concreto, uma batalha, pode assumir tantas dimensões em 700 anos. Esforço ampliado faz a obra organizada por Pierre Nora sobre a memória criada em torno de questões como Joana D’Arc ou o 14 de julho na França.³

Tomando o verbete Memória da enciclopédia Einaudi, organizado por Jacques Le Goff, entendemos que a memória é viva porque são vivas as forças que a elaboram. A memória é construída, ora de forma consciente e ora menos consciente para criar, adaptar, eliminar, remodelar e ressignificar o passado. Claro está que não existe um passado em si, puro, que a Memória, tingida pelo conceito de ideologia (no seu viés marxista), deformaria. Diálogo (nas pegadas de De Certeau) com o presente, a memória elabora-se em relações bem mais densas do que apenas mascarar uma verdade positiva do passado.

Acreditamos que o primeiro passo importante sobre incas e astecas foi dado pelos conquistadores. As Cartas de Relação de Cortés e os cronistas contemporâneos de Pizarro tinham uma decidida função: aumentar a magnitude e o poder da organização política de Tenochtitlán ou Cusco. O tamanho do Estado indígena, a solidez da sua arquitetura, a vastidão das suas posses: tudo colaboraria para mostrar que a luta foi encarniçada, difícil e que o tamanho do inimigo apenas ressalta a genialidade do conquistador. A primeira idealização do mundo político e social indígena ocorre na pena da geração que os conquistou. Sociedade de mercês, os conquistadores precisavam comprovar, por escrito, sua lealdade e êxito militar, em busca de títulos e prebendas da Coroa.

² DUBY, Georges. *O Domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

³ NORA, Pierre. (org.) *Les Lieux de Memoire*. Paris: Gallimard. 1984-1992. 3 v.

A segunda onda de idealização está na crônica missionária. Os autores, estilos e informações variaram muito. Porém, a sociedade indígena passada era um duplo remédio. Primeiro criticava a sociedade colonial, depois criticava a atual população indígena. Como toda utopia, a projeção de um mundo indígena perfeito ou pelo menos bom em suas linhas principais, servia para remediar pós conquista. Corrigir o presente pelo passado, eis a retórica que se usava nos Atos dos Apóstolos, quando a comunidade imaginada de Jerusalém era apresentada como modelo contra a “decadência”.

Segundo Enrique Florescano, a crônica missionária tem ainda outra questão: o império inca e asteca seriam elementos históricos necessário para que ocorresse o triunfo da religião verdadeira. Adquirindo sentido teleológico inverso, estes impérios não apenas são importantes, mas necessários à plenitude dos tempos.⁴

A terceira onda de idealização está nos textos indígenas., em clássicos como Nova Crônica e Bom governo, de Guaman Poma de Ayala e do Inca Garcilaso de La Vega com seus Comentários Reales. Em ambos os casos é evidente o objetivo: edulcorar e dar tom épico ao mundo do qual eles eram o último suspiro.

A última onda de idealização é a formação do Estado Nacional. México e Peru precisa romper com a colônia como prática e como ideia. Para isto urge um trabalho enorme de reelaboração da memória. Esta reelaboração chega a fundar novas universidades que deveriam se opor às universidades coloniais. Mas, havia que resgatar, mais do que nunca, uma ancestralidade digna e sólida. Havia que unificar: a multiplicidade étnica da Mesoamérica dá lugar a uma “astequização” e o mundo andino é “incaicizado”. O século XIX identificou Estado Nacional e documentos históricos, especialmente na pena de Joaquín García Icazbalceta (1824-1894) . Estado e História eram epidemia mundial: Sarmiento na Argentina, Cavour no Piemonte, Guizot na França e a ação laboriosa do IHGB no rio de Janeiro.

⁴ “El camino para el triunfo del Evangelio, el surgimiento de los imperios inca y azteca en América fue interpretado por José de Acosta como una preparación necesaria para que los frailes propagaran con éxito la palabra divina en la tierra invadida por Satán. Obsesionado por estas ideas, Acosta llegó a escribir que la divina providencia había colmado al Nuevo Mundo de metales preciosos con el evidente propósito de atraer a los colonos y de ese modo asegurar la conversión de los indios. (FLORESCANO: 2002, p. 36).

No século XX os índios continuam bons e generosos. Prova-o o texto “La Generosidad Del indígena, dones de las Américas al mundo”⁵ em espírito quase dicionaresco, o livro identifica todas as plantas da América e como elas foram graciosamente dadas aos europeus, especialmente batata e milho.

Por vezes o procedimento é mais complexo. O ucraniano John Victor Murra (1916-2006) produziu nos EUA uma extensa análise do Império Inca. Na sua obra mais conhecida, *The Economic Organization of the Inca State* (1956), o autor analisa a posse estatal da terra e os mecanismo de tributação e produção do mundo andino. Ao longo da obra, o embasamento “socialista” do mundo inca vai sendo evidenciado. Militante republicano na Guerra Civil espanhol, Murra vê nisto um valor muito grande, ainda que, provavelmente, a obra lançada logo após o Macartismo, não deve ter encontrado tão boa acolhida no EUA.

Outro caminho para o mesmo lugar

Seria um equívoco acreditar que, desde que Colombo e Angleria descreveram de forma pioneira o Novo Mundo, o entusiasmo e idealização de um mundo indígena tivessem sido universais. Há uma sólida, muito sólida corrente de detratores. Gonzalo Hernandés de Oviedo, na prática o primeiro cronista doas Índias, apenas adjetivou de forma pejorativa os habitantes do Novo Mundo. O biógrafo de Cortés, Francisco López de Gómara reforçou as tintas de Oviedo. Contra eles e outros, a voz poderoso e vitoriosa na memória de Las Casas foi se impondo. Na verdade, a existência de detratores reforçava reações para demonstrar o mundo bom anterior aos espanhóis e o caráter bom e inteligente dos indígenas.

Mas a crônica não encerra a possibilidade de reação. Na memória indígena havia uma Idade de Ouro e um certo milenarismo que buscava restaurá-la foi presente em muitos movimentos. Um dos mais expressivos na Mesoamérica foi o levante da Nova Galícia, entre 1541-42. O desejo forte de vandalizar obras cristãs e “descristianizar” os indígenas estava presente neste movimento.

⁵ COTE, Louise (et al). México: FCE, 2005.

O movimento da Nova Galícia teve similares abundantes. Os maias, por exemplo, , iniciam em 1546 uma insurreição. Seus vizinhos zapotecas fazem o mesmo a partir de 1547, apenas para citar algumas.

No caso de Nova Galícia, maias e zapotecas, não se tratavam mais de restaurar a Confederação Mexica, que, de resto, mais os incomodara do que ajudava, mas uma memória cada vez mais forte de um mundo indígena que brilhava no passado. Esta memória era antagonizada pela dominação espanhola e criolla e talvez se nutrisse desta exploração. Para Enrique Florescano, estava em curso um processo de pulverização da Memória étnica e desenvolvimento da memória local. ⁶

Há uma ligação entre textos laudatórios do mundo indígena e rebeliões indígenas? Não conhecemos esta relação de forma direta. Porém, parece ter existido um sentimento forte a este respeito por parte da Coroa Espanhola. A proibição das crônicas missionárias feita por Filipe II foi o primeiro passo. Mas o passo declarado de ligação foi a proibição da obra de Garcilaso em 1782 e do ensino de quíhua na Universidade Complutense após a rebelião de Tupac amarú II.

Finalizando

Sobre uma motocicleta na tela grande ou na pena de um mestiço como o do Inca Garcilaso , o mundo indígena brilha. Nos dois projetos, de forma consciente num e mais difusa em outro, a memória de um passado superior e harmônico colou-se a um projeto revolucionário específico. Nos dois casos e em todos os outros que analisamos, o mundo indígena, generalizado como conceito, foi usado num diálogo com necessidades do presente dos cronistas. Nos dois casos sobrevive, no diálogo do presente com o passado, a projeção imperiosa sobre os habitantes originais do continente.

⁶ FLORESCANO, Enrique. *Memoria Mexicana*. México: UNAM, 2004 (terceira edição). p. 355